

A questão da técnica e o Humanismo de Martin Heidegger

*The Question Concerning Technology and
the humanism of Martin Heidegger*

Álvaro Itie Febrônio Nonaka
Universidade de São Paulo

RESUMO: O artigo analisa a reflexão de Martin Heidegger sobre o Humanismo a partir da leitura de *A questão da técnica*. Nesse sentido, o texto acompanha a concepção corrente da técnica moderna, como um meio para um fim, que é correta, porém não verdadeira. Heidegger, nesse texto, postula que através e por dentro do correto se pode chegar à verdade; o mesmo se aplica aos diversos modos de Humanismo, que tendem a conceitualizar uma “essência” humana. A jornada através do correto, em direção à verdade, é um passo a mais que nos aproxima da verdade do Ser.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; Humanismo; técnica; metafísica; ser.

ABSTRACT: The article analyzes the reflection of Martin Heidegger on Humanism from the reading of *The Question Concerning Technology*. In this sense, the text accompanies the current conception of modern technique, as a means to an end, which is correct but not true. Heidegger, in this text postulates that through and within the correct one can arrive at the truth, the same applies to the different modes of Humanism, that tend to conceptualize a human “essence”. The journey through the correct, toward the truth, is one step further which brings us closer to the truth of Being.

KEYWORDS: Heidegger; Humanism; technique; metaphysics; being.

Aos homens, a madrugada inicial se mostra apenas no final.
Martin Heidegger

Heidegger, no texto *A questão da técnica*, publicado em 1954 – bem como em outros de seus escritos do mesmo período, por exemplo, *A essência da linguagem* –, faz um movimento de desvelamento dos conceitos, retirando deles o caráter corrente, metafísico, que a opinião pública e a própria história da filosofia impregnaram-lhes ao longo do tempo. Fundamentados nessa premissa, analisaremos o Humanismo a partir da chave de interpretação da técnica na tentativa de verificarmos seus limites e a possibilidade de um novo tipo de Humanismo, e para isso utilizaremos como referência o texto *A questão da técnica*¹.

Heidegger interpreta toda a história da filosofia como esquecimento da verdade do Ser. Isso porque a filosofia, desde seus primórdios, que remetem a Platão e Aristóteles, se tornou metafísica, isto é, uma interpretação técnica do pensar que privilegia os entes e, em contrapartida, paulatinamente esquece-se do Ser.

O Humanismo, em todos seus diversos modos – histórico, antropológico, político, filosófico, entre outros –, se insere dentro da grande tradição metafísica de uma interpretação técnica do pensar. Dentre os entes,

1 Para a realização deste artigo foram cotejadas duas traduções de *A questão da técnica*: uma de Emmanuel Carneiro Leão (2002) e a outra de Marco Aurélio Werle (2007), a fim de se obter maior rigor conceitual.

o Humanismo toma para si como principal o homem e pressupõe a ele certa concepção do que seja sua essência. No texto *Carta sobre o Humanismo*, o filósofo afirma que o Humanismo, de forma geral, desde o primeiro, o romano, até o último, o de Sartre, “pressupõem como óbvia a ‘essência’ mais universal do homem” (2005, p. 21). Desse modo, a sentença *o homem é um animal racional*, que tem origem grega e foi traduzida pelos romanos, é uma interpretação metafísica; contudo essa determinação essencialista do homem não é falsa. Esta possui o privilégio de representar algo exato ou acertado; portanto, no limite, todo e qualquer humanismo pode ser compreendido desse modo.

A origem do representar exato e acertado inicia-se na metafísica de Descartes (desenvolvida no século XVII), que possibilitou a identificação da verdade do Ser dos entes numa certeza do representar, de maneira que o substrato (*hypokeimenon*) se converteu em sujeito (*subjectum*), e este é o homem. O representar torna-se a unidade que consolida os entes em sua verdade, desde Descartes, passando por Leibniz com sua concepção essencial de *mônada*, até Nietzsche, no qual há a identificação da vontade de potência com a essência metafísica do mundo. O que é questionável no Humanismo, via de regra, e em todos os filósofos modernos, é seu “essencialismo” metafísico, que parte de um subjetivismo, em que o homem como sujeito representa os entes em objetos.

O essencialismo do Humanismo que tem origem metafísica – aquele que substitui o Ser pelo ente, especificamente o homem – não pensa mais o Ser, e, segundo o autor, “o pensar é o pensar do ser” (2005, p. 12). Assim, onde o pensar é posto de lado a técnica (*tékhnē*) é valorizada (HEIDEGGER, 2005, p. 13).

A técnica é um dos temas centrais da filosofia de Heidegger e um de seus problemas mais presentes. Sendo a essência do humanismo me-

tafísica, o pensar é posto de lado e a técnica é valorizada; portanto, ele é incapaz de pensar originariamente sobre a verdade do Ser, pois só compreende e pensa de forma técnica. O Humanismo compreende a técnica, de modo banal, como um meio para um fim, para as atividades humanas. Para Heidegger, essa concepção da técnica é uma determinação instrumental-antropológico, ou seja, metafísica. Assim, o Humanismo está inserido dentro da história da metafísica (a história do esquecimento do Ser) e, conseqüentemente, é essencialmente metafísico e incapaz de pensar sobre a verdade do Ser. Segundo o filósofo (2005, p.20):

Todo o humanismo se funda ou numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma tal metafísica. Toda a determinação da essência do homem que já pressupõe a interpretação do ente, sem a questão da verdade do Ser, e o faz sabendo ou não sabendo, é Metafísica. Por isso, mostra-se, e isto no tocante ao modo como é determinada a essência do homem, o elemento mais próprio de toda a Metafísica, no fato de ser “humanística”. De acordo com isto, qualquer humanismo permanece metafísico.

Portanto, nenhum tipo de Humanismo é capaz de superar a metafísica, pois, como vimos, este se funda numa metafísica ou cria uma; a metafísica “jamais questiona o modo como a essência do homem pertence à verdade do Ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 22). A crença instrumental-antropológica da técnica pelo Humanismo, que é fundada numa metafísica, é falsa e perigosa, pois concebe a essência da técnica como um instrumento, ou seja, como mero meio subordinado ao controle da racionalidade humana.

Se o Humanismo é apenas uma ilusão correta de origem metafísica em que a racionalidade técnica impera, logo devemos saber lidar com a técnica, ou, mais especificamente, com a essência da técnica, na qual, de acordo com Heidegger, reside o perigo, porque este é um problema ontológico, e não ôntico. Compreender a *questão da técnica* é condição de

possibilidade para um novo tipo de Humanismo que não seja metafísico e, conseqüentemente, para a criação de um novo horizonte em que a interpretação instrumental-antropológica não seja dominante.

O homem não vai se libertar da técnica; ela é uma força extraordinária imbricada no destino do Ser – por conseguinte, também é inseparável do homem. Portanto, para compreendermos o porquê de os humanismos até o momento presente, na visão de Heidegger, serem falhos, e, conseqüentemente, se possível, para vislumbrarmos um novo tipo, faz-se necessário entender *o que é a técnica*.

Na tentativa de respondermos a essa pergunta, utilizaremos como eixo central o texto *A questão da técnica*, no qual há o questionamento acerca de sua *essência*. O autor afirma que o questionamento, de forma geral, opera na construção de um caminho de pensamento que deve passar, de um modo ou de outro, pela linguagem. A dificuldade desse caminho de pensamento encontra-se na própria linguagem, porque as

(...) línguas ocidentais são, de maneiras sempre diversas, línguas do pensamento metafísico. Fica aberta a questão se a essência das línguas ocidentais é em si puramente metafísica e, por conseguinte, em definitivo caracterizada pela onto-teo-lógica, ou se estas línguas garantem outras possibilidades do não-dizer que diz. (HEIDEGGER, 2007, p. 76)

As línguas de pensamento metafísico possuem uma interpretação técnica das coisas, ou seja, instrumental; assim, são conduzidas a um tipo de erro fundamental, o de identificar a essência de uma coisa como uma característica da coisa, ou a própria coisa. Heidegger nos diz que “a técnica não é igual à essência da técnica” (2002, p. 11), e do mesmo modo podemos proceder em relação ao Humanismo, em geral, que pressupõe que o homem seja igual a um certo tipo de essência ou atributo pertencente a ele. Por

exemplo, o Humanismo romano pressupôs o homem como animal racional; o de Marx concebeu a essência do homem como a transformação do mundo por meio dos modos de produção – todos esses humanismos têm em comum o fato de deduzirem que o homem seja igual à essência do homem.

O Humanismo das mais diversas épocas possui um erro fundamental acerca da concepção da essência do homem: a incapacidade de perceber que aquilo que rege todo homem, como homem, não é, em si mesmo, um homem que se pudesse encontrar entre os homens. A essência do homem não é, de forma alguma, somente humana. Desse modo, buscar a essência do homem em qualquer tipo de Humanismo é uma tarefa desde o início fadada ao fracasso.

O Humanismo, assim como a metafísica, espera que as coisas se resolvam no nível ôntico; naquilo que se relaciona com o ente, o Humanismo espera que a essência do homem se resolva pelo e através de um ente privilegiado (o homem). Tudo o que é pensado, é pensado no nível ôntico, que, por sua vez, não responde à *questão da verdade do Ser*, a qual é ontológica, pois busca sua essência.

De acordo com a tradição clássica grega, “A essência de alguma coisa é aquilo que ela é” (HEIDEGGER, 2002, p. 11); assim, ao questionarmos a técnica, estaremos perguntando *o que ela é*, e o Humanismo aplica o mesmo método questionando o que é o homem. A resposta à pergunta *o que é a técnica?*, de acordo com o senso comum, se divide em duas: uma diz que a técnica é um meio para um fim; a outra, que ela é uma atividade do homem. Ambas as repostas se complementam, porque estabelecer objetivos e utilizar meios para obtê-los é inerente ao ser humano.

A concepção banal da técnica – de ser um meio para as finalidades humanas – é definida por Heidegger como uma “determinação e instrumental e antropológica” (2002, p. 12). De acordo com essa definição, nin-

guém negaria que a determinação instrumental-antropológica da técnica, ou seja, a técnica como um meio para consecução de fins, seja correta, porque ela é evidente diante de nós. Heidegger dá um passo adiante e esclarece que essa concepção da técnica é correta em alto grau, ou seja, é uma verdade como adequação: *Veritas est adaequatio rei et intellectus*, a verdade como adequação da coisa ao intelecto.

A técnica moderna, esta que se encaixa na noção de determinação instrumental-antropológica da técnica, é diferente e nova em comparação com as técnicas artesanais anteriores. Por exemplo, a usina hidrelétrica não é um fim em si mesmo: o homem a constrói com a finalidade de produzir e armazenar energia elétrica para outros fins – ela é diferente do moinho de vento que capta o vento com a finalidade instantânea de moer trigo. Desse modo, é correto afirmar que a técnica moderna é um meio para um fim, e este é determinado pelo homem; assim, o homem pretende dominar a técnica, pois seu domínio lhe asseguraria os meios não só para a subsistência como também para todos seus desejos. Mas, supondo que a técnica moderna não seja apenas um meio, como procede a vontade do homem de dominá-la?

Ao indagarmos a técnica com a mera possibilidade de que esta não seja apenas um meio para um fim, estaríamos colocando em risco sua concepção instrumental-antropológica – aquela que Heidegger havia dito anteriormente que era correta e aplicável à técnica moderna? O questionamento acerca da técnica não coloca em risco “o correto” da determinação instrumental, apenas diferencia o que é correto do que é verdadeiro. De acordo com o filósofo, o correto é sempre uma representação exata e acertada daquilo que constatamos diante de nossos olhos.

O correto, aquilo que constatamos como uma representação exata e acertada, não é o verdadeiro, mas, antes, aquilo que dificulta a percep-

ção da verdade e, conseqüentemente, encobre a essência. A verdade se dá naquilo que descobre a essência “do que se dá e apresenta” (HEIDEGGER, 2002, p. 13). Portanto, a técnica não é um simples meio, ela é desencobrimento, i. e., está no âmbito da verdade (*Alétheia*), que se origina nos gregos e serve de pedra de toque no caminho para a verdade do Ser.

Heidegger afirma que para encontrarmos a essência de algo, ou ao menos nos aproximarmos dela, “temos de procurar o verdadeiro através e por dentro do correto” (2002, p. 13). Partindo desse princípio, o Humanismo pode ser pensado de maneira correlata, pois o próprio filósofo, na *Carta sobre o Humanismo*, afirma que o Humanismo não é falso (2005, p. 21); assim, pode-se concluir que ele é correto, ou seja, verdadeiro como adequação, porque o Humanismo só constata, com mais força, o que é representado diante de si, isto é, o homem (o ente privilegiado), soberano absoluto de todos os entes.

O Humanismo não mostra sua essência apesar de ser correto; ao contrário, por ser correto não percebemos sua essência. Neste ponto, podemos considerar o Humanismo como um “meio”, mas não no sentido instrumental, para se chegar à essência originária do homem. O mesmo se aplica a técnica, conforme Heidegger: “A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade” (2002, p. 17).

De acordo com o autor, devemos levar a sério o seguinte questionamento: o que nos diz a palavra *técnica*? Esta possui dois sentidos diferentes: o primeiro, de um fazer artesanal; o segundo, de um “fazer na grande arte e das belas-artes” (HEIDEGGER, 2002, p. 17), que também engloba o sentido de um fazer artesanal.

“Α τέχνη [técnica] pertence à produção; a ποιήσις [produção] é, portanto, algo poético” (HEIDEGGER, 2002, p. 17). Os gregos pensavam a técnica como uma modalidade de produzir (*poiésis*) no sentido de trazer à luz, aparecimento e desencobrimento (*Alétheia*), por exemplo, “quando algo é tecnicamente produzido, esse deixar aparecer ocorre por intermédio da técnica e do técnico, e não por meio de um processo ‘natural’” (LEOPOLDO E SILVA, 2007, p. 370). Esse contexto é bastante diferente da noção instrumental da técnica moderna, como um meio para um fim. Heidegger parte de uma indagação: se o homem não criou o desencobrimento, como ele funciona? O autor afirma que basta que o homem esteja atento ao

(...) apelo que já sempre reivindica o homem, de maneira tão decisiva, que, somente neste apelo, ele pode vir a ser homem. Seu descobrimento já aconteceu todas as vezes que convoca o homem nos seus modos de desabrigar a ele dispostos. Se a seu modo o homem, no seio do descobrimento, desabriga o que se apresenta então ele apenas corresponde ao apelo do descobrimento, mesmo onde se opuser a ele. (HEIDEGGER, 2007, p. 384)

O desencobrimento em si mesmo nunca é feito pelo homem, por exemplo, “não foi Platão que fez com que o real se mostrasse à luz das ideias” (HEIDEGGER, 2002, p. 21); pelo contrário, ele apenas se abriu sem preconceitos para o apelo que recorre ao homem – assim, foi levado à descoberta e pôde experimentar um modo de verdade (*Alétheia*). À luz disso, podemos interpretar que Sartre com seu Humanismo existencial, a seu modo, ouviu o apelo do desencobrimento, ou seja, desabrigou o que se apresentava diante de si. De alguma maneira, Sartre, em suas investigações, verificou que o homem não possuía uma essência, mas somente existência, portanto a existência evidenciada por ele foi uma representação; assim, estava comprometido a um certo modo de desencobrimento.

O modo de desencobrimento da técnica que nos desafia a explorar a natureza, idêntico à técnica moderna, toma a natureza por objeto de pesquisa até que desapareça no não objeto da disponibilidade – por exemplo, o avião, que não consideramos mais como simples objeto, mas como disponibilidade, ou seja, como meio de transporte que está sempre ao dispor do homem.

A técnica não se reduz simplesmente a uma mera atividade humana; temos de encarar o desafio posto pelo homem a dispor a realidade como disponibilidade, ou seja, dispor o mundo para a satisfação de suas necessidades e desejos. Isso ocorre através do que Heidegger chama de armação (*Ge-stell*), a estrutura que reúne elementos e está presente em cada um deles, entretanto cada um deles não é a estrutura da armação, pois esta transcende a todos.

A armação (*Ge-Stell*) é o que desafia o homem a descobrir a realidade como um reservatório para todas as disposições humanas. Também é o modo de desencobrimento que orienta a essência da técnica moderna: assim como a essência do homem não é nada humana, a armação não é nada técnica. A técnica como trabalho corresponde a um conjunto de elementos que integram uma unidade, logo, é impossível que ela produza a armação – esta não se produz: apenas pode ser explorada pelo trabalho técnico do homem. O verbo *pôr* (*stellen*) que compõe a palavra armação (*Ge-stell*) não indica somente a exploração; esse desafiar, este *pôr* guarda a lembrança do produzir (*Her-stellen*) e expor (*Dar-stellen*), que, no sentido de *poiésis*, deixa vir à frente no desencobrimento o que está na realidade. Nas palavras de Heidegger (2002, p. 24):

Este pro-por produtivo (por exemplo, a posição de uma imagem no interior de um templo) e o dis-por explorador, na acepção aqui pensada, são sem dúvida, fundamentalmente diferentes e, não obs-

tante, preservam, de fato, um parentesco de essência. Ambos são modos de desencobrimento de ἀλήθεια [Alétheia].

Na armação acontece o desencobrimento, segundo o qual o trabalho da técnica moderna é o de descobrir a realidade como disponibilidade. Desse modo, a técnica não é mera atividade humana ou muito menos um meio para ela ocorra. Fica claro que a investigação instrumental da técnica é errônea, pois ela não se completa com uma explicação metafísica ou religiosa.

Heidegger avalia que o homem moderno, “da idade da técnica[,] vê-se desafiado, de forma especialmente incisiva a comprometer-se com o desencobrimento” (2002, p. 24). O homem da era da técnica, em primeiro lugar, lida com a natureza como principal depósito de reservas de energia, e para isso é necessário o surgimento das ciências da natureza. O modo como estas representam a natureza a coloca como um complexo de forças passíveis de cálculo.

A física moderna não é experimental porque lida com instrumentos para questionar a natureza; põe a natureza como pura teoria para que ela se exponha como um contexto de forças previamente passível de ser calculado, por isso o experimento é requerido para testar e saber se a natureza confirma tal condição e o modo como o faz. Heidegger nos lembra de que as ciências matemáticas da natureza vieram (aproximadamente dois séculos) antes, da técnica moderna. Portanto, esta tem seu nascimento preciso no século XVII com a metafísica de Descartes, o que é evidenciado pela historiografia, e em sua ótica está correta; a técnica moderna só inicia seu curso após o surgimento das ciências exatas da natureza.

Como podemos explicar a contradição exposta – de que as ciências matemáticas da natureza já estavam a serviço da técnica, antes mesmo

dela surgir? Em termos historiográficos (*Geschichtlich*), na tradição da história do esquecimento do Ser, isso é correto, mas não verdadeiro. Devemos lembrar, mais uma vez, a diferença entre correto e verdadeiro: o primeiro tem caráter de uma representação exata e acertada, não precisa descobrir a essência do que se apresenta.

Para se alcançar a essência, ou chegar o mais próximo possível, é necessário procurar o verdadeiro através e por dentro do correto. A história do Ser (*Geschichte*) é o movimento ontológico do Ser, uma maneira mais essencial da história (*histoire*), e que tem uma inter-relação entre história e destino (*Geschick*). Como destino, a história do Ser estabeleceu que as ciências da natureza viessem antes da técnica moderna, assim essa pôde realizar-se; a técnica moderna já estava pressuposta temporalmente às ciências da natureza, mesmo que estas tenham fornecido subsídios para o aparecimento da técnica moderna. Desse modo, as ciências exatas da natureza deveriam preceder temporalmente não em função da técnica moderna, que se apresentou posterior na historiografia, mas em função da essência da técnica moderna, que se apresentava através do destino, antes mesmo delas.

Será que a *questão sobre a verdade do Ser* colocou-se como história do esquecimento do Ser, ou seja, de maneira metafísica, para que ela pudesse vir a ser? O Ser se colocou em perigo para poder se salvar?

De acordo com Heidegger, “a essência da técnica moderna se encobre e esconde, durante muito tempo ainda, mesmo depois de já se terem inventado usinas de força (...)” (2002, p. 25), a utilização de eletricidade nos meios de transporte ou a técnica atômica, em concordância da tese exposta, se vale da posição do senso comum, que considera técnica como um meio e um fim para a atividade humana.

Toda essência, inclusive a da técnica moderna, bem como a do homem, na qual o Humanismo tenta se basear, se mantém velada por mais

tempo possível em toda parte, e isso não significa que o que está velado ou encoberto não possa ser desvelado e conhecido. Desse modo, entendemos que a essência, primordial, antecede tudo. Heidegger afirma que

Os pensadores gregos já o sabiam ao dizer: o primeiro, no vigor de sua regência, a nós homens só se manifesta posteriormente. O originário só se mostra ao homem por último. Por isso um esforço de pensamento, que visa a pensar mais originariamente o que se pensou na origem, não é caturrice, sem sentido, de renovar o passado, mas a prontidão serena de espantar-se com o porvir do princípio. (2002, p. 25)

Há de se fazer um esforço no âmbito do pensar para que cheguemos ao pensar mais originário, que está no princípio de tudo; desta forma, podemos traçar um paralelo: historiograficamente a questão sobre a verdade do Ser ainda não foi tratada devidamente – e Heidegger é um dos precursores, especificamente no século XX –, mas historicamente a questão sobre a verdade do Ser é a primeira, ou seja, é primordial porque rege e antecede tudo.

A cronologia historiográfica nos mostra que o início das ciências modernas da natureza situa-se no século XVIII. Contudo o que proporcionou o advento da ciência moderna foi a metafísica de Descartes, desenvolvida no século XVII, que possibilitou a identificação da verdade do Ser dos entes numa certeza do representar, de maneira que o substrato (*hypokeimenon*) se converte em sujeito (*subjectum*). O representar torna-se a unidade que consolida os entes em sua verdade, desde Descartes até Nietzsche, em que há a identificação da vontade de potência com a essência metafísica do mundo. A técnica das máquinas só foi desenvolvida na segunda metade do século XVIII. Em relação à historiografia, a essência da técnica moderna é posterior, mas historicamente é anterior.

Conforme Heidegger, há a constatação de que a física moderna de uma maneira mais crescente se conforma com o caráter não intuitivo de

suas representações, estas possibilitadas pela metafísica de Descartes. Tal renúncia não foi decisão de nenhuma comissão de pesquisadores – o que torna isso possível é o imperativo da *armação* (*Ge-Stell*), o qual exige que a natureza se disponha como disponibilidade para o homem, ou seja, a natureza deve estar sempre disponível para todas as pretensões humanas.

A essência da técnica moderna repousa na *armação* (*Ge-Stell*), e disso faz-se necessário o uso das ciências da natureza. Portanto, apesar de a técnica moderna precisar das ciências da natureza, ela não pode ser considerada apenas como aplicação destas. Se isso fosse verdadeiro, seria apenas um instrumento para as ciências naturais, e, como vimos, até agora essa determinação instrumental não se mostrou verdadeira.

Ao questionarmos a técnica, estamos construindo um caminho que traz à luz e desvela nossa relação com a essência. Somente quando a técnica é pensada na relação de modo não instrumental-antropológico, uma *armação* (*Ge-stell*) – pois, quando pensada de modo contrário, colocando o próprio homem como disponibilidade, arrisca a perder a ligação com o próprio Ser –, na relação sujeito/objeto, meio/fim, é que o homem terá a possibilidade de conhecer sua essência.

A essência do homem é sua relação histórica com o Ser – e isso implica também estar envolvida na *armação* (*Ge-stell*) –, que é onde mora o perigo, segundo Hölderlin: “Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva” (HEIDEGGER, 2002, p. 37) –; a essência do homem é uma ex-sistência. Portanto, o Humanismo de Heidegger está para ser conquistado: trata-se de uma espécie de tarefa infinita do pensamento, um vir a ser que se insere dentro do destino do Ser.

REFERÊNCIAS

DUBOIS, C. *Heidegger*. Introdução a uma leitura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HEIDEGGER, M. *Carta sobre o Humanismo*. 2. ed. rev. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro. 2005.

_____. Identidade e diferença (1957). In: *Que é isto – a Filosofia? Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. A questão da técnica. In: *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão et al. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. A questão da técnica. Trad. Marco Aurélio Werle. *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.

_____. O tempo da imagem do mundo. In: *Caminhos da floresta*. Lisboa: FCG, 2002.

_____. Tempo e acontecimento. In: NOVAES, A. (Org.) *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições Sesc, 2013.

SILVA, F. L. e. Martin Heidegger e a técnica. *Scientiae Studia*. São Paulo: v. 5, n. 3, p. 369-374, 2007.